

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 137

Data: 25.01.75 Pg.: _____

**Funai não cogita
de vetar estrada**

~~25-1-75~~
correspondente em
MANAUS

As obras da estrada Manaus-Caracarái continuarão no ritmo atual, porque a Funai "não tem conhecimento de que estejam prejudicando a cultura dos waimiris-atroaris", declarou ontem o delegado regional do órgão em Manaus, Francisco Mont'Alverne, em resposta a um apelo que lhe foi encaminhado pelo Conselho Missionário Indigenista para que os trabalhos fossem suspensos imediatamente.

Segundo o delegado, a Funai não aceita "de forma alguma e nem sequer cogitou de paralisar as obras, até porque os índios não vivem em contato com os trabalhadores do 6.º BEC". Ontem mesmo, uma fonte autorizada do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção ratificou as afirmações do funcionário da Funai: "A estrada é importante, está em plano prioritário para o governo federal e será construída com ou sem a presença dos índios em seu traçado. A estrada é assunto nosso; os índios e sua pacificação ou afastamento da área são problemas da Funai".

No apelo feito ontem ao delegado da Funai, o Conselho Missionário Indigenista alegava a necessidade de se evitar "a destruição dos costumes e tradições dos índios". Para o delegado Mont'Alverne, entretanto, "existiria ameaça de quebra da cultura dos índios se houvesse um contato estreito e permanente deles com os trabalhadores. Mas isso não está ocorrendo, nem ocorrerá".

O funcionário da Funai acha que "tem muita gente querendo encontrar uma solução para os conflitos dos índios com os brancos, mas são soluções de caráter pessoal que não interessam à Funai. Cada um deve

cuidar dos seus interesses e obrigações. Problema de índio é com a Funai".

Nova tática

Enquanto respondia ao apelo do Conselho Missionário Indigenista, o delegado da Funai aproveitou para oficializar uma medida anunciada anteriormente pelo sertanista Apoena Mireles: a partir de agora, não será mais permitido distribuir terçados, facões, colheres e outros objetos cortantes aos waimiris-atroaris, com os quais eles fazem suas flechas.

Mont'Alverne disse que o objetivo é evitar que os índios utilizem esses objetos na fabricação de flechas "para matar os civilizados". Acrescentou que os waimiris-atroaris continuarão recebendo roupas, miçangas e outros objetos "mais importantes para eles".

O representante da Funai reconhece até que essa decisão poderá criar problemas nos futuros trabalhos de atração, mas não mudará a orientação: "Mesmo que eles peçam não serão atendidos, embora saibamos que isso representa um sério entrave à reaproximação dos waimiris-atroaris com os sertanistas e mateiros da Funai".

A distribuição de presentes sempre provocou divergências entre o sertanista Gilberto Pinto — morto recentemente pelos índios — e a Funai. Gilberto era contra os presentes, enquanto a Funai insistia em que a sua distribuição era a melhor forma de pacificar os índios.

No dia anterior ao massacre de dezembro — em que Gilberto morreu — o sertanista chegou ao posto do rio Abonari levando apenas os quatro funcionários; deixava em Manaus cerca de 200 quilos de material. Ele pretendia, antes, conversar com os índios e sentir suas reações, para só então distribuir os presentes. Este fator teria precipitado a chacina.